

ENQUANTO É DIA

Repara, agora, a própria sementeira
De tudo o que sonhaste e que fizeste.
Recompõe, cauteloso, a própria veste
E trabalha com Cristo a vida inteira.

Roga ao Senhor, sem gritos de canseira,
Que mais tempo e mais lágrimas te empreste!
Há muito espinho antes do lar celeste
E muita dor na luta derradeira...

O sepulcro não passa de oferenda
Da verdade cruel que nos desvenda
O próprio mundo, refalsado ou santo.

Para quem segue além de mão vazia
Converte a morte as dádivas do dia
Em noite secular de angústia e pranto.¹

A. de Lima

Reformador | Dezembro de 1948

¹ Consta do original a informação de que esse soneto foi psicografado em 1 de novembro de 1948.

A CRUZ

Disse o homem à cruz que o constrangia:
— Detestável prisão, ingrata e feia,
Atormentas minh'alma que te odeia,
Escarneces meus sonhos de alegria!

Que fogo pavoroso te incendeia?
Que te fez para o inferno da agonia?
Por que me prendes, pedra horrenda e fria,
Ao teu corpo que lágrimas ateia?

A cruz, porém, clamou serena e certa:
— Sou a chave de dor que te liberta
Do abismo que estendeste a toda parte!

Não me percas na sombra de teus dias.
Sem meus braços, jamais alcançarias
O Senhor que me fez para salvar-te!¹

Antero de Quental

Reformador | Dezembro de 1948

¹ Consta do original a informação de que esse soneto foi psicografado em 15 de dezembro de 1948, em Belo Horizonte.